

QUATRO SONETOS A AFRODITE ANADIÓMENA

Paulo Franchetti*

Durante o segundo ano do curso de Letras, almocei quase todos os dias na casa de Jorge de Sena, em Araraquara. Um casarão, que a dona da pensão gostava de dizer que tinha pertencido ao professor, e que ele tinha muitas crianças. Foi também quando conheci Sena nas aulas de Jorge Cury, que levava muito a sério as contas todas feitas com os números de versos e estrofes de *Os Lusíadas* e que me mostrou cartas de Santa Bárbara: finas folhas de papel perfuradas pelo entusiasmo ou pela fúria, nas quais, em trechos, a pancada dos dedos ia abrindo os olhos das letras oqepbadg. Só alguns anos depois conheci o poeta e o homem em figura mais inteira, em prosa e verso, e ainda em visita à casa derradeira, onde estive à sua mesa de trabalho.

Houve, porém, um momento especial, na história da minha relação com a emblemática figura da minha formação: Sena irrompeu inesperadamente das páginas da revista *Invenção*, onde não o esperava.

Li sofregamente: quatro sonetos enigmáticos, ininteligíveis, acompanhados de uma nota. Pelo inesperado reencontro, mas também porque os sonetos destoavam do enquadramento racionalista, da matemática, geometria, estocástica e outros nomes do tipo que tinham definido até então o que eu reconhecia e buscava como poesia concreta, de vanguarda.

Está claro que não entendi o que não era para ser entendido de forma ordinária. Mas os sonetos impressionaram-me de modo muito mais efetivo do que poderia esperar, mergulhado nas leituras e teorias racionalistas do poema, que muitas vezes fazem deste a aplicação ou campo de provas das primeiras.

Lembro-me de que então me lembrei de um episódio que sempre me advertiu para os cuidados com o não dito, com o que está fora da sintaxe, das imagens e figuras, quando anos depois me dediquei ao estudo da música de

Caetano ou da poesia de Pessanha: um amigo dava aulas de inglês em Matão, minha cidade natal; numa canção da moda o cantor esgoelava um interminável e dilacerado “*I can’t live*”; uma menina perguntou-lhe o que queria dizer e o título da canção, que era “*without you*”; ele, sem mais, respondeu. E a menina, muito desapontada, como quem perdesse algo importante, apenas murmurou: “só isso?...”. E tive medo de que houvesse uma forma de decifrar a charada.

Mas mesmo assim esmiucei os sonetos, revirei-os sob as lentes usuais da análise, medi-os com o instrumental da época, e exultei por não encontrar forma de reduzi-los a um “conteúdo”, a declarações, expressões de sentimento ou estados de espírito, ou módulos narrativos – essas tábuas de salvação que socorrem os naufragos da poesia e da música. Resistentes, risonhos dos meus esforços, brilharam ao longo daquela tarde, e ainda hoje permanecem inteiros e refratários, envolventes, sedutores e efetivamente agindo sobre mim, com a sua poderosa melodia, no desenho visual e na estrutura métrica do soneto – justamente a forma em que o reflexivo é pressuposto e costuma brilhar. E que ali era, de alguma forma, cumprida e derrotada.

Por isso, quando tive de escolher algo de Sena para celebrar a sua memória, eles logo se apresentaram. É verdade que nunca procurei ensaios sobre eles, nem me dediquei a refletir com mais demora. Protegi-os como se protegesse um afeto delicado, da análise e do comércio quotidiano.

A última vez que pensei sobre eles foi quando li em Eliot que “podemos ficar profundamente emocionados ao escutarmos a leitura de um poema numa língua da qual não entendemos uma palavra”. Na sequência, havia isto: “mas, se nos disserem então que o poema é uma algaravia e não tem significado, devemos pensar que fomos iludidos – aquilo não era um poema, era meramente a imitação de música instrumental”. E então, por via transversa, creio que os “compreendi” e à hierarquia em que sempre os dispus intimamente. É que o que menos me agradou e agrada é o IV. Aquele

que Sena revelava trazer muitos epítetos gregos da deusa: por essa via, surgia “explicado”. Mas aos outros, que, pelo sacrifício do último, preservei ao mesmo tempo de um sentido oculto e de serem apenas algaravia sem sentido, repetidamente voltei, fixando-me quase sempre no III, “Urânia”, não porque remeta ao amor celeste ou por ver nele qualquer sentido, mas apenas porque me agrada mais, porque estimula o puro prazer de deslizar a mente entre as palavras que rolam na boca e ecoam, aqui e ali, numa língua que é e não é mais a minha, sombras e trechos de coisas lidas ou vividas. E é com ele que ergo hoje este brinde ao poeta.

* Professor titular aposentado da Unicamp. Publicou, no Brasil, *Nostalgia, exílio e melancolia – leituras de Camilo Pessanha* (Edusp) e *Estudos de literatura brasileira e portuguesa* (Ateliê) e os livros de poemas *Oeste*, *Memória Futura*, *Escarnho* e *Deste Lugar* (todos pela Ateliê Editorial); em Portugal, uma edição crítica da *Clepsydra*, de Camilo Pessanha (Relógio d'Água, 1995), a antologia *As aves que aqui gorjeiam – a poesia do Romantismo ao Simbolismo* (Cotovia, 2005) e o ensaio *O essencial sobre Camilo Pessanha* (IN-CM, 2008). Parte de seus trabalhos críticos está disponível em paulofranchetti.blogspot.com.br